



ID:27

FREQUÊNCIA DE PATÓGENOS CAUSADORES DE MASTITE BOVINA NO SUDESTE DO BRASIL

Ana Clara de Serpa Carvalho¹, Pedro Felipe Rodrigues e Oliveira¹, Maysa Serpa Gonçalves¹, Alice Gonçalves dos Reis¹, Anna Cecília Trolesi Reis Borges Costa¹, Elaine Maria Seles Dorneles¹, Alessandro de Sá Guimarães²

¹Faculdade de Zootecnia e Medicina Veterinária - Departamento de Medicina Veterinária/DMV – Universidade Federal de Lavras (UFLA), Lavras, MG – Brasil

²Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, Embrapa Gado de Leite, Juiz de Fora, MG - Brasil

Palavras-chave: pecuária leiteira, epidemiologia, *Staphylococcus aureus*

A produção leiteira se destaca no Brasil como uma importante atividade econômica e é fonte de renda em todo o território nacional. A mastite, caracterizada pela inflamação da glândula mamária, é considerada a afecção mais importante para a produção de leite, levando a perdas econômicas pela queda na produção, tratamento, eventual descarte prematuro de animais e queda na qualidade do leite. A mastite pode também ser causada por microrganismos zoonóticos, representando risco para a saúde humana. Em razão da alta ocorrência e prevalência da doença nos rebanhos leiteiros, conhecer os principais microrganismos que acarretam a doença é de extrema importância, visando o controle da doença. Diante disso, o presente trabalho teve como objetivo determinar os principais patógenos causadores de mastite e sua distribuição nos estados do Sudeste do Brasil, utilizando resultados de diagnóstico de cultura microbiológica do leite de três laboratórios localizados em Minas Gerais, entre 2009 e 2021. Durante esse período foram processadas 60.868 amostras de leite, sendo 13.944 (23%) delas nos Laboratórios Integrados de Sanidade Animal e Saúde Coletiva, Lavras-MG; 31.054 (51%) no Laboratório Cia do Leite, Lavras-MG; e 15.870 (26%) no Laboratório Mais Leite Soluções Zootécnicas, São João del-Rei- MG. Os isolados tiveram origem em 1277 diferentes propriedades, dos estados de Minas Gerais (n=29.551, 48,55%), São Paulo (n=839, 1,38%), Rio de Janeiro (n=52, 0,09%) e 30.422 (49,98%) das amostras não tiveram seu estado ou cidade de origem descritos. Após cultura inicial, 17.091 (28%) amostras não apresentaram nenhum crescimento, enquanto 941 (1,54%) amostras apresentaram problemas antes de chegar aos laboratórios e por consequência não foram analisadas. Dentre as amostras com cultura positiva, os principais patógenos encontrados foram: *Staphylococcus coagulase-negativo* (n=13.454, 22,1%), *Staphylococcus aureus* (n=11.731, 19,27%), *Streptococcus agalactiae* (n=6.852, 11,26%), *Corynebacterium spp.* (n=5.028, 8,26%) e *Bacillus spp* (3.077, 5,06%). Ainda, 7.229 das amostras apresentaram casos de coinfeção, com dois microrganismos isolados, sendo os casos mais frequentes entre *S. aureus* e *S. agalactiae*. Em conclusão, foi observada uma maior prevalência de patógenos considerados contagiosos, como *Staphylococcus coagulase-negativo*, *S. aureus*, e *S. agalactiae* evidenciando a adaptação destes microrganismos à glândula mamária, muitas vezes causando mastites sem sinais clínicos, o que facilita sua disseminação pelo rebanho. Ao melhor entendermos a prevalência dos patógenos e sua distribuição podemos desenvolver uma melhor compreensão da doença e com isso melhorar os esforços em prol da sanidade animal, reduzir perdas econômicas e melhorar a qualidade do rebanho leiteiro como um todo.

Agradecimentos: CAPES, CNPq, FAPEMIG, EMBRAPA e UFLA.